



3 1761 07043299 2

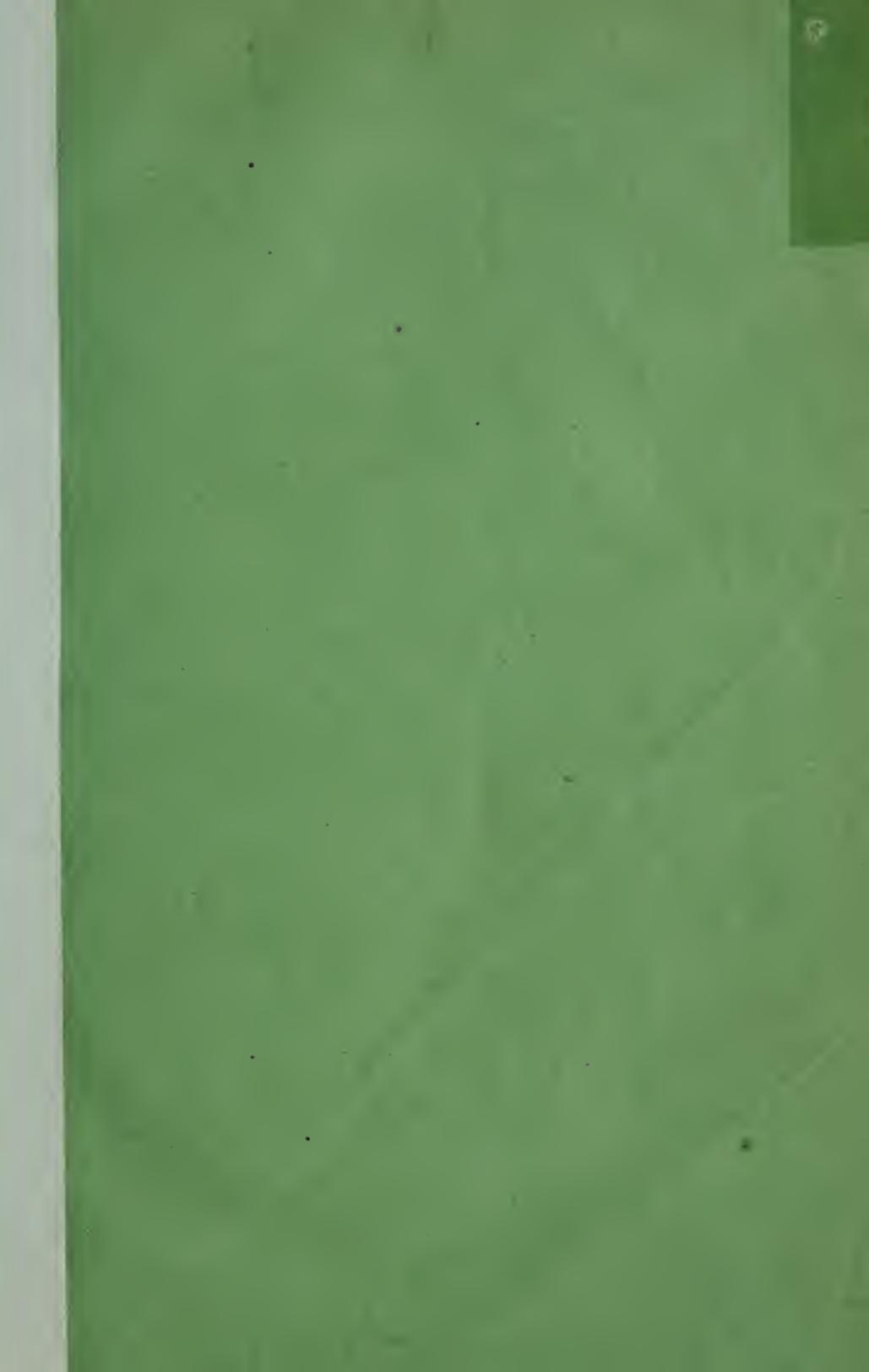
A litteratura ramalhuda

PQ

9050

R32L5







A LITTERATURA RAMALHUDA

A PROPOSITO

DOS SENHORES

CASTILHO, E RAMALHO ORTIGÃO

POR

G. F.



COIMBRA

IMPRESA LITTERARIA

1866

A LITTERATURA RAMALHUDA

A PROPOSITO

DOS SENHORES

CASTILHO, E RAMALHO ORTIGÃO

POR

G. F.



COIMBRA

IMPrensa LITTERARIA

1866

A LITTEBATURA NAMA LHOA



PQ¹⁰⁰
9050²
R32L5



LIBRARY
UNIVERSITY OF TORONTO
1973

O SR. RAMALHO ORTIGÃO

I

Este homem veio ultimamente abrir-nos o seu sacrario de sabedoria: apresentou-se-nos como o verdadeiro interprete da litteratura d'hoje, e do seu livrito deduz-se claramente que a litteratura hodierna merece o nome que se lhe dá no frontispicio d'este folheto.

O critico do Porto affronta a discussão de viseira erguida, e sobrececho de tyrannete; aquella sobranceria causa-nos riso e nojo.

Quem é o sr. Ramalho Ortigão para vir estabelecer-se no meio dos assanhados litteratos de Portugal e dizer com o entono do pedagogo: — aqui está a verdade? Um noticiarista do Jornal do Porto, mestre de francez não sei em que collegio, e fazedor de chalaça grossa em alguns detestaveis folhetins. E é este sujeito que pede que «se estabeleçam forças lisas, e se desatravanque a arena.»

Sem notar o disparate n'aquella phrase «força lisa a estabelecer-se», pyramidal asneira que ninguém dizia, notarei apenas a immodestia com que

o sr. Ramalho quer que lhe deixem a arena livre. Ahi a tem á sua vontade: póde respingar livremente; mas ha de consentir, que lhe diga que o seu palavrorio pretencioso, com esse humorismo estafado nos primeiros romances de Camillo, a quem deseja imitar desgraciadamente, não vale nada aos olhos do senso o mais trivial, da reflexão a mais simples.

Em primeiro logar o sr. Ramalho mostra a sua ignorancia supina, quando na primeira parte do seu folheto chama ao Poema da Mociedade — *descendente legitimo* de D. Juan, de Rolla, e de D. Branca, querendo com isto dizer que o Pinheiro Chagas é verdadeiro filho de Byron, Musset, e Garret. Isto é a mais descomedida bernardice que se póde imaginar. O Chagas perfilhado em Byron, e Musset. Oh! execranda profanação! O sr. Ramalho já soletrou o Jacques Rolla, e o D. Juan? Creio que não é por taes livros que ensina o francez, ou o inglez, se o sabe, aos seus meninos. Vá, portanto, lêl-os primeiro, e não venha fazer apreciações ridiculas.

O Arthur do Chagas comparado a Rolla, e D. Juan! Oh litteratura de tolos até onde irás para vomitares mais sandices?

O sr. Ramalho póde estranhar a palavra—mas é realmente a que lhe pertence, depois de dizer aquillo.

O Poema de Mociedade é um agregado de puerilidades sem nome; falto de inspiração, ou estro; falto de harmonia ou suavidade de fôrma; falto de lyrismo n'uma palavra. Versos d'aquelles faziam-

nos d'antes os estudantes de latim, quando tinham o primeiro namoro. Ninguem o póde ler, sem passar de que se gaste papel, tinta e tempo com estas bagatellas. Abrindo-o ao acaso, encontram-se em qualquer parte vulgaridades chatissimas no conceito e na dicção, e imperdoaveis erros de metrificacão e consonancia. É escusado citar versos do livrucho do sr. Chagas; servem até os que o sr. Ramalho tanto elogia.

Vejam-nos:

A mente da poetica leitora
Já do heroe esboçou risonha imagem!
A acção d'este poema encantadora
A heroína da mais nobre linhagem;
Altiva castellã, que se enamora
D'Arthur, o mais formoso e gentil pagem.

Uma heroína de nobre linhagem, altiva castellã, a enamorar-se do mais formoso e gentil pagem é cousa muito bonita para o sr. Ramalho; a mim faz-me rir, e causa-me tédio.

Depois continuam os versos mimosos do sr. Ortigão:

Vêde a escada de seda fluctuante
Para colher mil beijos seductores;
Intrepido lá galga o esbelto amante
Da nupcia os rouxinoes são os cantores..., etc.

Não escrevo os outros, que é tempo perdido.

Uma escada de seda fluctuante, e um amante esbelto a galgar por ella acima, é quadro admirando.

E os rouxinoes das nupcias d'um namorado que vae escalar uma janella... que grosso disparate! São nupcias de nova invenção do fértil engenho do Chagas!

E são estes versos que o sr. Ramalho classifica dignos filhos de Byron e Musset!

Vamos adiante. Deixemos o poetaastro querido do sr. Ortigão e vejâmos o que este critico diz da Carta do sr. Castilho, e das outras cousas, que por causa d'ella vieram a lume.

Estranha o sr. Ramalho que o sr. Castilho de-seje, que os nossos editores animem os auctores incipientes, e abram as portas da publicidade a tudo que seja digno de imprimir-se; e a proposito d'isto escreve algumas gracinhas, e diz cousas que fazem rir os tolos. Como o sr. Ramalho tem para as suas obras as columnas de loçaes do Jornal do Porto, e a secção do folhetim picaresco—não precisa d'editores, e por isso zomba dos virtuosos desejos do sr. Castilho. A proposito d'esta necessidade imagina que o editor, que publique livros portuguezes só os poderá vender para os Padrões de Teixeira, para o Pinheiro de Bemposta, para a Rapozeira, Pancas, Arrayolos, Cabeço de Vide, Palhota, Paio Pires, e quejandos logarejos de Portugal. Que espirito! Que engraçada descoberta! Só em Paio Pires e Castro Laboreiro, e Alturas de Barroso (esqueceram-lhe estes nomes das suas importantes localidades) é que se apreciam obras litterarias! As suas, sr. Ramalho Ortigão, é que serão talvez dignas de ser lidas lá, se algum dia as escrever:—mas, por enquanto, graças a Deus,

ha muito boa gente portugueza, fóra d'aquelles sitios da sua predilecção, que ama a litteratura patria, e que a desejava florescente e bella. O que tolhe os escriptores incipientes? É a falta d'um ou mais editores, que disponham de capital sufficiente para fazer edições abundantes e baratas, e que animem com a recompensa pecuniaria os trabalhos obscuros de muitas obras dignas da publicidade. O sr. Ramalho ri-se d'esta falta, e imagina que lhe devemos achar graça aos seus dislates de criança.

Depois falla do Methodo repentino, e diz que é inadoptavel nas escholas, etc...

Acha melhor o *abc* do padre Lopes, e o methodo facillimo de Emilio Achilles. Como aprendeu a soletrar o seu nome á custa da férula de lorangeira, e da chibata de junco — quer tambem que as crianças chorem em vez de cantar, e apanhem palmatoadas em vez de colher flores.

O delicioso methodo Castilho é para elle uma cousa ruim, inutil e impossivel. Faz assim o sr. Ramalho côro com todos os idiotas, mestres d'eschola, que acham mais simples metter pelos olhos dentro a uma criança as consoantes e as vogaes, por letra maiuscula e minuscula, do que mostrar-lh'as em pintura bonita, accedendo-lhes d'este modo a imaginação e o bom gosto, e despertando-lhes o interesse e a curiosidade, que são os melhores incentivos para se aprender facilmente.

Não acha aquella apurada critica do sr. Ortigão, que a musica e a pintura, e a poesia, appli-

cada ao methodo do ensino primario seja razoavel cousa. Semsaborão!

O que vale é que ninguem se importa com os depravados gostinhos do sr. Ramalho; e se a rotina estúpida ainda agora protesta contra o methodo brilhante do sr. Castilho — não tardará muito que elle seja o unico methodo possivel, humano, e facil, e expedito, para levar as crianças ao baptismo da instrucção.

O sr. Ramalho Ortigão, grande censor pelo que se vê, continua a morder o auctor da Carta ao editor Pereira, pretendendo mostrar que elle é um critico incoherente e amesquinhado. Cita um trecho da sua prosa admiravel, e commenta-o assim:

«Este mal (o mal da litteratura moderna, notado pelo sr. Castilho) provém a meu ver d'um defeito organico.» — Primeira tolice, porque não ha defeitos organicos: ha defeitos de organisação. — «Origina-o, continua o sr. Ramalho, a deploravel penuria de imaginação, e a laxidão chronica das faculdades observativas e investigadoras, defeitos que constituem o aleijão caracteristico, mais ou menos saliente em quanta litteratura se tem feito entre nós.»

Que pedantismo chulo! Toda a litteratura moderna em Portugal é aleijada caracteristicamente!

Os bonitos romances de Camillo, os sublimes livros de A. Herculano, os deliciosos poemas de Castilho, as poesias mimosissimas de Vidal e Bulhão Pato, os inimitaveis esboços de romance historico de Rebello da Silva, os bellos dramas de Mendes Leal, tudo isto, e muito mais que me não

lembra, são aleijões característicos. Eu julgo que aquelle «entre nós» se refere aos rabiscadores insulsos de locais e folhetins lá do Porto: não pôde deixar de ser.

N'esse caso que lh'o agradeçam os noticiarios do Nacional, Braz Tizana, Diario Mercantil, e outros papeluchos da sua terra.

O sr. Ramalho Ortigão entende-se bem com elles.

Os maximos escriptores portuguezes para o localista sabio são Camões, Gil Vicente, e Bernardim Ribeiro. Falla em Camões, porque é o primeiro que vem sempre á baila, quando se lembram as primeiras sumidades litterarias do nosso paiz: e depois de Camões só acha o erudito folhetista Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, como maximos escriptores. Nunca leu nem um nem outro, aliás não os collocaria acima de Bernardes, Fr. Luiz de Sousa, e P.^e Antonio Vieira, e acima de Antonio José, Gabriel Pereira de Castro, Ferreira, e Garção.

Depois o sr. Ramalho apoda de inutilidade e ociosidade a ideia, que tem o sr. Castilho, de nos dar para modelo e estudo as obras primas de Virgilio.

«O que é a traducção das Georgicas? diz o sr. Ortigão. Uma ideia velha e relha, sabida e resabida e decorada por todos os escolares..., etc.»

Eu sempre queria que me dissesse, antes de mais nada, o que entende por uma ideia decorada?

Então uma ideia é alguma cousa, que se decore? Onde aprendeu esta phraseologia?

A Georgica, primorosamente vertida, é uma ideia

velha e decorada pelos rapazes da eschola!. Que disparate!

E é este sr. que nos vem ensinar o ultimo verbo da litteratura d'hoje!

Cóntinuando o seu aranzel de necedades, estranha o sr. Ortigão esta phrase do sr. Castilhó, relativa a um Ministro da Corôa:— «De quem foi o braço direito de D. Pedro é licito esperar tudò.» Estranha-a como impolitica, inconstitucional, e absurda; e diz que na sua opinião o rei é que é o braço do ministro, e não o ministro o braço do rei: de modo que o ministro tem tres braços, os seus, e um do rei; e o rei só tem um braço, porque o direito pertence ao ministro.

Visto que o sr. Ramalho tomou aquella phrase do sr. Castilhó á lettra, cabe aqui esta argumentação por numeros. — Entendeu que ser braço direito d'um rei, era o mesmo que ser instrumento passivo e material da vontade do monarcha; podemos tambem entender, que ser braço do ministro é-a mesma cousa, e então sempre o tal ministro do sr. Ramalho fica com tres braços. Que critica tão distincta!

II

A segunda parte do folheto versa sobre a embrionaria escola de Coimbra, de que o localista do Jornal do Porto se quer fazer pedagogo sanhudo. Estranha que o sr. Quental sabbisse á arena para defender opiniões individuaes, melindres puramente pessoaes, e que, chamando ás obras do sr. Castilho ninharias e futilidades, viesse depois contradizer-se, pondo em plano altissimo o drama Camões, imitação esplendida, feita pelo poeta da Primavera e do Outono. Para a vista perspicaz do sr. Ortigão, o drama Camões não é mais do que uma vulgarissima traducção.

Ora isto é uma asserção estúpida e vil.

Se ha livro mais primorosamente portuguez, mais delicioso no sentimento, no colorido, e na accção, mais eminentemente poetico e perfeito é o Camões do sr. Castilho.

E' um monumento de poesia dramatica, um monumento de verdadeira poesia nacional, aquelle drama sublime.

Que importa que a ideia fosse inspirada por outra obra muito inferior, muitissimo inferior, de Perrot e du Mesnil?

Não é porventura o assumpto portuguez de lei? Não é a linguagem portuguezissima, e purissima, e

formosissima, como a não encontrâmos em outro livro qualquer?

Não palpitam n'aquellas adoraveis paginas todas as glórias, e aspirações, e crenças, e virtudes dos heroes da nossa idade d'ouro, dos grandes navegadores, dos grandes soldados da civilisação do mundo, e dos grandes poetas?

E pensa o sr. Ramalho, que com duas palavras nescias, com duas pennadas de tinta suja, enodôa o primeiro livro portuguez d'este seculo. Miseranda philaucia!

Porque o sr. Anthero do Quental elogiou o que todos amam e admiram, porque poz acima de tudo, e como unicamente bom, optimo, magnifico, o drama Camões do sr. Castilho, verberando as outras obras d'este escriptor, aliás dignas de melhor sorte, entende o sr. Ortigão, que o auctor das *Litteraturas Officiaes* se desdisse miseravel e covardemente. Que absurda conclusão! Que estonteado modo de ver as cousas mais simples e coherentes! Que rabugice para dizer mal de tudo!

O sr. Ramalho escreveu mais de sessenta paginas para provar que todos eram tolos, á excepção, provavelmente, da sua pessoa intelligente: os pontos capitaes do seu longo e arrevezado folheto ahi ficam, para que os que se deixam levar do campanudo e sesquipedal do palavrório, não julguem que amanheceu no Porto algum critico supremo.

A obra do sr. Ortigão é uma ingnificancia, quanto a principios d'analyse litteraria, e preceitos de bom gosto.

Quer fazer estylo picaresco, e diz muitas parvoi-

ces. Faça, por em quanto, a sua localzinha para o *Jornal do Porto*, metta quando poder a sua lôa em folhetim humorista, ensine a traduzir o *Telemaco* ás crianças, e não diga mal d'aquillo que nem ainda sabe ler.

Não compare *Poemas da Mocidade* ao *D. Juan de Byron*, e ao *Jacques Rolla de Musset*; não imagine que a litteratura moderna de Portugal é um agregado de aleijões característicos; que n'esta boa terra só se lê nas *Palhotas e Rapozeiras*; não diga que a *Georgica* de *Virgilio* é uma ideia decorada e velha; não affirme que o *Camões* do sr. *Castilho* é uma desgraçada traducção, não diga isso para crédito dos localistas do Porto.

Em ultimo peço-lhe, que se não zangue por eu não assignar estas breves linhas, que escrevi por sua causa.

O meu nome nada vale.

que V. Magestade se digna de honrar con su presencia el teatro de la Real Academia de Ciencias y Letras, para que en ella se celebre el acto de la inauguración de la estatua de don Juan de los Rios, y para que se acuerde lo que sea de justicia.

En consecuencia, pido a V. Magestade que se digna de honrar con su presencia el teatro de la Real Academia de Ciencias y Letras, para que en ella se celebre el acto de la inauguración de la estatua de don Juan de los Rios, y para que se acuerde lo que sea de justicia.

En último punto, me he permitido referir a V. Magestade, para que se digna de honrar con su presencia el teatro de la Real Academia de Ciencias y Letras, para que en ella se celebre el acto de la inauguración de la estatua de don Juan de los Rios, y para que se acuerde lo que sea de justicia.

En este punto, me he permitido referir a V. Magestade, para que se digna de honrar con su presencia el teatro de la Real Academia de Ciencias y Letras, para que en ella se celebre el acto de la inauguración de la estatua de don Juan de los Rios, y para que se acuerde lo que sea de justicia.





PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9050
R32L5

A litteratura ramalhuda

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 12 11 07 001 6